



Análise do Princípio Funcionalista da Marcação Aplicado ao "Se" Reflexivo em Verbos de Ação-Processo

*Francielly Rodrigues Soares¹, Judithe Genuíno Henrique², Matheus de Almeida Barbosa³,
Jefferson Alves da Rocha⁴, Jebson da Silva Galdino⁵, Juciane Nóbrega Lima⁶*

Resumo: Este artigo tem o objetivo de analisar a ocorrência do clítico "se" na presença e ausência de verbos de ação-processo, baseados em Christiano (1991) e Mello (2008), para tanto nos fundamentamos em uma proposta funcionalista, buscando explicar o princípio da marcação, quando o clítico "se" aparece em narrativas orais, aliado aos verbos "sentar" e "levantar". Utilizamos amostras do corpus *Discurso & Gramática* e selecionamos, para análise, a parte oral dos textos produzidos por nove informantes de nível fundamental, médio e superior, da cidade de Natal. Observamos, através dos dados analisados nesta pesquisa, que o clítico "se" aliado a verbos secundários, como classifica Christiano (1991) e Mello (2008), pode ser dispensado para indicar reflexividade. A partir das nossas análises, é possível considerar que o funcionamento da língua só pode ser melhor descrito se levar em consideração fatores relacionados ao contexto em que determinadas formas são usadas.

Palavras-chave: Funcionalismo; Marcação; Clítico.

Analysis of the Functionalist Principle of Marking Applied to the Reflective "If" in Action-Process Verbs

Abstract: This article aims at analyzing the presence and absence of the clitic particle *se* on action-process type verbs, based on Christiano (1991) and Mello (2008), and also on a functionalist approach, more specifically the markedness principle, explaining the appearance of the clitic on oral narratives, alongside with the verbs *sentar* (to sit) and *levantar* (to get up/to stand up). We used samples from the *Discurso & Gramática* corpus and selected, for the analysis, the oral samples produced by nine informants of different instruction levels (middle school, high school and college level) from the city of Natal. We could observe from the analyzed data that the occurrence of the clitic *se* together with secondary verbs, according to Christiano (1991) and Mello (2008), can be omitted to show reflexivity. From our analysis, we can conclude that the functioning of a language can only be better described provided that the used forms are described together with its specific production context.

Keywords: Functionalism; Markedness; Clitic.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. franciellyrsoares@gmail.com;

² Doutoranda e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. judithegh@gmail.com;

³ Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. autor correspondente: matheusba@gmail.com;

⁴ Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. jefferson.rocha16@gmail.com;

⁵ Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. jebsongaldino@gmail.com;

⁶ Doutoranda e Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. jucy.nobrega@gmail.com.

Introdução

Os estudos referentes à noção de língua passaram por várias transformações no decorrer dos anos. Inicialmente se tinha uma visão tradicional e um tanto preconceituosa sobre o que poderíamos assumir como correto na escrita e na fala. Antes mesmo da linguística se tornar uma ciência autônoma, os estudos referentes à linguagem caminharam sempre de uma visão mais normativista para uma menos.

Os gregos foram os primeiros a investigar a língua tomando como referência as formas linguísticas corretas em detrimento de outras, isto é, aquelas utilizadas pelos grandes filósofos e textos da literatura da época. Com o avançar das pesquisas sobre o estudo da linguagem, a língua se tornou um objeto autônomo e passou a ser estudada imanentemente, isto é, um estudo da língua pela língua, tal perspectiva só foi possível a partir dos trabalhos do mestre genebriano Ferdinand de Saussure, que logo adiante, com sua noção de língua enquanto sistema, daria base para o surgimento da corrente estruturalista. Partindo da perspectiva estruturalista de língua, surgem duas correntes de grande relevância para os estudos linguísticos, a saber, o Gerativismo e o Funcionalismo.

Com uma concepção de língua distinta da abordagem tradicional, o funcionalismo concebe aquela como um instrumento de interação social, sua gramática é descrita a partir dos usos, está a serviço da função, ou seja, sua estrutura é motivada. Gramática e discurso, nessa abordagem, estão interligadas, compõem um processo unidirecional.

Neste estudo, pretendemos investigar, a partir de uma análise de corpus, a ocorrência do clítico *se* na presença e ausência de verbos de ação-processo, baseados em Christiano (1991) e Mello (2008). Fundamentando-se em uma proposta funcionalista, buscamos explicar o princípio da marcação, quando o clítico *se* aparece em narrativas orais, aliado aos verbos *sentar* e *levantar*¹. Tal estudo não seria possível de ser realizado a partir de uma perspectiva tradicional, já que a gramática normativa não se preocupa em descrever os usos reais da língua.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos dados retirados do *corpus Discurso & Gramática* (FURTADO DA CUNHA, 1998). Analisamos amostras de língua oral de nove informantes dos níveis fundamental, médio e superior da cidade de Natal. Escolhemos analisar este *corpus* porque, para uma investigação de cunho funcionalista, é necessária a utilização de dados que ofereçam uma visão real dos usos efetivos da língua, pois essa perspectiva, "[...] vê

¹ Cf. Christiano (1991) e por Mello(2008).

a situação real de comunicação como o cenário em que se concretizam as tendências de natureza sociocognitiva, e parte desse contexto comunicativo para a caracterização dos fenômenos linguísticos." (ROSÁRIO, 2015, p. 148).

Este artigo compõe-se de quatro seções, conforme segue. A primeira trata dos pressupostos da teoria funcionalista, de como o funcionalismo estuda os fenômenos linguísticos; vinculada a essa seção, trazemos a explanação de um dos princípios funcionalistas que também servirá de base para as nossas análises; na mesma seção, tratamos também da classificação dos verbos reflexivos nos trabalhos de Christiano (1991) e Mello (2008). Na segunda seção, apresentamos de onde foram retirados os dados que compõem o *corpus* deste trabalho e a metodologia utilizada para a sua realização. A análise dos dados aqui investigados compõe a terceira seção, e as considerações acerca das análises realizadas compreendem a última parte desta pesquisa.

Fundamentação Teórica

O Funcionalismo

O funcionalismo constitui uma corrente da linguística que, de modo distinto a linhas formalistas - gerativismo e estruturalismo -, procura estudar a língua como um instrumento de comunicação, de interação social, e, como afirma Furtado da Cunha (2012), nesse tipo de investigação, é necessário considerar fatores extralinguísticos, que extrapolam a estrutura gramatical, como o contexto, os participantes e os propósitos comunicativos.

Nesse sentido, Rosário (2015, p. 145) destaca que:

Em linhas gerais, a Sintaxe Funcional distingue-se de outras linhas por considerar a língua como um instrumento de interação social. Como tal, a língua torna-se um objeto não-autônomo, maleável, sujeito às pressões oriundas das diversas situações comunicativas que ajudam a determinar a estrutura gramatical. (ROSÁRIO, 2015, p.145)

Em contraponto ao funcionalismo, como afirmam Martelotta e Areas (2003), as propostas formalistas viam a língua como um objeto autônomo, independente e estático, indiferente aos interesses dos indivíduos que a utilizam no contexto de comunicação. Todavia, segundo Martinet (1994, apud Neves, 2006, p.16): "o objeto da gramática funcional é a competência comunicativa".

Além disso, os formalistas, por considerar a *langue/competência* como o objeto de estudo de suas investigações e parte essencial da linguagem, acreditavam que a análise de uma língua deveria ser sincrônica em detrimento de uma perspectiva diacrônica de estudo, como os comparativistas realizaram. Desse modo, nas análises de cunho funcionalista, adota-se a *pancronia*, que "(...) busca integrar tanto a visão sincrônica quanto a diacrônica, com o objetivo de descrever um determinado fenômeno tanto em seu estágio atual como em estágios anteriores". (ROSÁRIO, 2015, p.160). Ou seja, esse enfoque considera o estudo dos fenômenos linguísticos, observando simultaneamente os padrões regulares e as formas emergentes da língua.

Nessa abordagem, a gramática está a serviço da função, é moldada pelo discurso. Essa relação entre gramática e discurso, consoante Martelotta (2011), envolve habilidades interacionais de compartilhar informações com outros indivíduos e também habilidades cognitivas, relacionadas ao funcionamento de nossa mente, que interferem no processamento das informações.

Furtado da Cunha (2012) afirma também que a estrutura da língua reflete, de certa maneira, a estrutura da experiência, ou seja, há uma motivação para o emprego das formas linguísticas. Esse é o princípio da *iconicidade* que, distinto da arbitrariedade, trata-se da correlação natural e motivada entre forma e função. Nessa perspectiva, segundo a autora supracitada, os estudiosos funcionalistas defendem que uma língua só será proveitosamente investigada, descrita e explicada se fizer referência à função comunicativa, pois aquela é determinada pela interação, e a sua sintaxe (estrutura) é organizada a partir do discurso. Desse modo, nessa proposta de estudos linguísticos, "os domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática estão relacionados e interdependentes". (FURTADO DA CUNHA, et al, 2003, p.29).

Conforme Martelotta e Areas (2003), a gramática é um sistema aberto que se molda em contextos discursivos específicos e não deve ser dissociada do uso concreto da língua. Alguns funcionalistas como Paul J. Hopper defenderam a proposta de gramática emergente que "[...] opõe-se à visão de gramática como um sistema abstrato e unificado de regras e princípios, lógica e biologicamente anterior, que constituiria um pré-requisito para o uso da língua que seria compartilhado por todos os indivíduos". (TAVARES, 2012, p. 34).

Entretanto, nessa concepção funcionalista, considera-se que a gramática das línguas está em constante construção, já que a comunicação é uma atividade compartilhada, um fenômeno

social. Assim, como destaca Tavares (2012), a gramática se atualiza conforme os usos que, quando se tornam frequentes, acabam se rotinizando e se convencionalizando.

Em suma, na perspectiva da linguística baseada no uso, o conhecimento gramatical de um falante não corresponde a um conjunto de regras estáticas, empregadas dissociadas dos contextos de comunicação. Como já foi dito, esse conhecimento (a gramática) está em um contínuo "fazer" e "refazer", é um sistema aberto determinado pelo discurso.

Entre os princípios e as categorias centrais estudadas na perspectiva funcionalista, trataremos do princípio da marcação, que pode ser explicado através de um outro princípio: o da iconicidade. A marcação será, pois, o princípio que servirá de base para as análises posteriores.

O princípio funcionalista da Marcação

Um dos pressupostos que está no centro das investigações funcionalistas, como considera Neves (2006), é a motivação icônica das línguas. Furtado da Cunha (2012, p. 167) afirma que "o princípio da iconicidade é definido como uma correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo). Esse princípio do funcionalismo determina que a estrutura da língua é motivada pelos usos, assim, os estudiosos dessa área buscam explicações que justifiquem, através dos fatores cognitivos e discursivos que interferem no ato da comunicação, porque uma determinada forma foi utilizada.

O princípio da iconicidade e da marcação estão intimamente relacionados, sendo este considerado meta-icônico, ou seja, uma forma de explicar a iconicidade das formas linguísticas. Para Mello (2008), a marcação é uma das noções principais dos estudos funcionalistas, a qual nos faz remeter à linguística estrutural da Escola de Praga, em que "as distinções binárias na fonologia e na gramática se davam da seguinte maneira: um membro do par contrastivo atua como a presença de uma propriedade, o outro como a ausência." (GIVÓN, 1990 apud MELLO 2008, p.37).

Segundo Silva (2005, p.62), o princípio da marcação está condicionado à relação presença *versus* ausência de uma propriedade nos membros de um par contrastante de categorias linguísticas". Para considerar um elemento marcado ou não marcado (ou ainda mais marcado e menos marcado), é preciso observar se um elemento exibe uma determinada característica ausente em outro. Para distinguir as categorias marcadas e não-marcadas, Silva

(2005), baseando-se nos estudos de Givón (1995), destaca que são estabelecidos três critérios, a saber: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva.

A complexidade estrutural diz respeito à noção de que a estrutura marcada tende a ser mais complexa que a forma não marcada correspondente. Já no critério da distribuição de frequência, a categoria marcada tende a ser menos frequente que a forma não-marcada. E, no critério da complexidade cognitiva, a estrutura marcada exige maior esforço mental, demanda maior atenção, sendo, portanto, mais complexa cognitivamente que a forma não-marcada. O quadro a seguir, retirado de um trabalho de Silva (2005), resume os critérios do princípio da marcação supracitados.

+ marcado	- marcado
- frequente	+ frequente
+ complexidade estrutural	- complexidade estrutural
+ complexidade cognitiva	- complexidade cognitiva

De acordo com Silva (2005), alguns fatores da marcação, como: maior capacidade de memória, maior esforço e tempo de processamento de uma estrutura explicam a tendência da estrutura marcada ser menos frequente que a não-marcada. Mello (2005), recorrendo às contribuições de Givón, afirma que a marcação não pode ser tomada em moldes absolutos porque uma estrutura pode ser marcada ou não-marcada a depender do contexto de comunicação em que está inserida. Sobre essa questão, Furtado da Cunha (2012, p.171) considera que:

Vale ressaltar que a marcação que caracteriza uma forma linguística é relativa, pois uma construção pode ser marcada num dado contexto e não-marcada em outro. Por exemplo, a voz passiva sintética (“Vende-se casa”) é muito marcada na língua oral por ser bastante incomum. Entretanto, num texto escrito formal, ela não é marcada, já que ocorre com relativa frequência.

Mello (2005) destaca que outro importante fator a ser considerado em relação à marcação é a capacidade dos itens linguísticos exibirem diferentes graus no que diz respeito à frequência de uso, à complexidade estrutural e à complexidade cognitiva. Ou seja, devem-se adotar parâmetros de gradualidade na análise da marcação, “em vez de se trabalhar com o quadro [+/-], opte-se pela escala [-/- +/+].

Na sessão a seguir, serão apresentados trabalhos funcionalistas que servirão de base para as análises realizadas em textos retirados do *Corpus Discurso & Gramática* – a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). Utilizamos também como aporte teórico o princípio funcionalista da marcação aplicado ao clítico *se*, quando este estiver na presença ou ausência de um verbo do nível de reflexividade secundário estudado por Christiano (1991) e Mello (2008).

Trabalhos funcionalistas

Diante do objetivo de analisar as ocorrências do clítico *se*, tomamos como base os trabalhos de Christiano (1991) e Mello (2008). Christiano (1991) faz um percurso enriquecedor pelas gramáticas normativas e defende que a classificação até então postulada não consegue dar conta de explicar a reflexividade dos verbos, para tanto, ela prediz uma classificação de nove grupos verbais e três níveis de reflexividade, sendo elas: a reflexividade plena, primária e secundária. Mais tarde, Mello (2008) reanalisa o que foi postulado até então e reclassifica os níveis de reflexividade, acoplando um quarto nível, sendo eles: pleno, primário, secundário e terciário. Diante desses trabalhos, estudaremos o processo de marcação do *se*, tomando como base cinco verbos do nível secundário defendidos por Christiano (1991) e Mello (2008).

Christiano (1991) realizou uma pesquisa descritiva e propôs uma reformulação para as gramáticas tradicionais, em busca de trazer um estudo mais detalhado para estruturas da língua portuguesa, tradicionalmente chamadas de ‘pronominais’ ou ‘reflexivas’. Para realizar tal estudo, Christiano (1991) toma como base as relações sintáticas e semânticas entre o verbo e a correlação que este mantém com os outros elementos que compõem a oração, fazendo uma reanálise dos verbos ‘reflexivos’, assim como dos pronomes correferenciais ‘reflexivos’ e ‘recíprocos’.

Christiano (1991) toma como base de sua pesquisa três importantes propostas, sendo elas: “A Teoria dos Casos Profundos” mais conhecida como “A Gramática dos Casos”, de Charles Fillmore (1968), que busca explicar como ocorrem as relações sintático-semânticas entre o verbo – predador – e os nomes – casos – que acompanham o verbo. O modelo de Chafe (1970), que “(...) enfatiza a centralidade da semântica e a proeminência do verbo na estrutura semântica.” (CHRISTIANO, 1991, p. 61). E, por fim, aponta o modelo matriz de Cook (1972), pelo fato deste fazer uma união equilibrada dos estudos de Fillmore e Chafe, propondo por meio de uma perspectiva mais semântica um redimensionamento da Teoria dos casos.

O início do estudo relata uma revisão histórica a respeito das vozes do verbo, para adiante apresentar a relação entre as estruturas reflexivas e a voz medial. Diante desse estudo, Christiano (1991) reanalisa a reflexividade verbal e propõe um novo modelo para as construções pronominais ou reflexivas, tomando como base a Gramática dos Casos.

Christiano (1991) realiza uma divisão dos verbos em grupos e sub-grupos conforme suas características sintáticas e semânticas, com o objetivo de estabelecer “generalizações que expressem uma motivação para a ocorrência ou não do pronome reflexivo” (CHRISTIANO, 1991, p 115.). Diante desta classificação também estabelece níveis para a ‘voz reflexiva’, apresentados posteriormente.

O erro apontado por Christiano (1991), cometido pelos gramáticos, está na classificação e definição superficiais dadas aos verbos reflexivos, pois considerar esses verbos como acidentalmente pronominais, apenas, como é o caso da maioria das gramáticas tradicionais ou, apenas, como reflexivos não é suficiente para compreendermos seus aspectos sintáticos e semânticos. Outro aspecto apontado por ela como falha nos estudos dos verbos reflexivos é a forma de agrupá-los na mesma categoria sem que eles o pertençam.

Para tanto, Christiano (1991) faz uma análise mais profunda para os verbos reflexivos e propõe uma divisão desses verbos em nove grupos e alguns sub-grupos.

O primeiro grupo possui como verbo padrão irritar/irritar-se. Segundo Christiano (1991), esses verbos são de experimentação, pelo fato da causa ou o efeito sofrido pelo sujeito não estarem expressos no verbo e o pronome, nesses casos, ser considerado como marca de recessividade. Podemos observar com mais clareza o que foi dito quando ela afirma:

(...) experimentação (*aborrecer-se, amedrontar-se, irritar-se, ofender-se, etc*), o pronome é marca de recessividade e indica que o verbo é causativo, havendo, conseqüentemente, a possibilidade da existência de um causador externo ao processo, ausente nessas realizações; mas o pronome realça, ao mesmo tempo, o fato de que o sujeito Experienciador, interior ao processo, é o elemento que “cumpre algo que se cumpre nele”. Apesar desse realce, o marcador reflexivo *se*, com verbos dessa natureza, não tem correspondente na EP (...). (CHRISTIANO, 1991, p. 127-128).

O que é importante deixar claro, a respeito dos verbos que fazem parte deste grupo, é que eles não são reflexivos e o *se* é chamado de ‘pseudo-reflexivo’, isso acontece pelo fato da causatividade ser um fator externo ao processo ocorrido na sentença. As características que compõem esse grupo são: o tipo verbal básico é o de experiencial de ação derivado de ação-processo; o pronome *se* é dito pseudo-reflexivo e a forma verbal básica é a transitiva.

Tomando como base os trabalhos de Filmore (1968) e Chafe (1970), Christiano (1991) aponta alguns verbos como exemplos desse grupo verbal. São eles: abalar, afligir, aborrecer, alegrar, amedrontar, etc.

O verbo padrão do segundo grupo é *queixar-se*. Os verbos desse grupo são caracterizados como verbos de ação, como também verbos de natureza dicendi, isto é, verbos declarativos. Porém este grupo é subdividido em dois, pelo fato de possuírem funções casuais distintas. No primeiro grupo se encaixam verbos como: *queixar-se*, *expressar-se*, *gabar-se*, *lamentar-se*, *lastimar-se*, entre tantos outros e, no segundo grupo temos verbos como: *acusar-se*, *condenar-se*, *confessar-se*, *culpar-se*, *desculpar-se*, etc.

Podemos observar a diferença na subdivisão do segundo grupo quando apontamos suas características. No primeiro sub-grupo temos: o tipo verbal básico receptivo de ação, a forma verbal básica transitiva e o pronome *se* não correferencial, ou seja, enfático. No segundo sub-grupo temos: o tipo verbal básico é o receptivo de ação-processo, a forma verbal básica transitiva e o pronome *se* correferencial e reflexivo.

O grupo verbal três possui como verbo padrão *pentear/pentear-se*. Nesse grupo os verbos são de ação-processo e precisam que haja na estrutura um nome que tenha função de agir e um nome afetado pelo praticante verbal. Os verbos que se comportam da mesma forma que *pentear* são: *levantar-se*, *sentar-se*, *arremessar-se*, *dirigir-se*, *mudar-se*, *vestir-se*, *afastar-se*, *erguer-se*, etc. Esses verbos possuem as seguintes características: o tipo verbal é de ação-processo, tendo valor bivalente, o pronome *se* é correferencial e reflexivo e a forma básica é transitiva.

O quarto grupo possui como verbo padrão *ajoelhar/ajoelhar-se*. Os verbos que fazem parte deste grupo são considerados monovalentes, pelo fato de ocorrer um apagamento do nome afetado, ou seja, esses verbos passam por uma derivação deprocessiva, em que um verbo que era de ação-processo se torna apenas de ação. Seguindo o mesmo padrão de *ajoelhar-se*, podemos citar verbos como: *calar-se*, *casar-se*, *deitar-se*, *levantar-se*, *sentar-se*, etc. As características presentes nesse grupo verbal são: o tipo verbal básico de ação-processo intrínseco de valor monovalente, o pronome *se* é correferencial e reflexivo (facultativo) e a forma verbal básica é transitiva.

Representando o quinto grupo verbal temos o verbo padrão *laçar/lançar-se*. Esse grupo verbal é subdividido em dois grupos. Um grupo é caracterizado como aquele que o verbo necessita de um locativo para manter uma relação de lugar. Já o segundo grupo se caracteriza por não precisar desse locativo, como ocorre com o verbo *aproximar-se*, por exemplo. As

características desse grupo verbal são: o tipo verbal básico é o locativo de ação-processo, o pronome *se* é correferencial e reflexivo e a forma verbal básica é transitiva.

O sexto grupo é representado pelo verbo achar/achar-se. Esse grupo se caracteriza por apresentar, segundo Christiano (1991), verbos que trazem uma noção de opinião ou julgamento. Os verbos que seguem o mesmo padrão que achar são: acreditar-se, considerar-se, dizer-se, imaginar-se, julgar-se e etc. Os verbos que fazem parte deste grupo são compostos pelas seguintes características: o tipo verbal básico é de ação-processo, o pronome *se* é correferencial reflexivo e sujeito da estrutura encaixada e a forma verbal básica é transitiva.

O sétimo grupo verbal possui como verbo padrão arrogar/arrogar-se. Os verbos que fazem parte deste grupo são de “(...) ação e o OI corresponde ao Beneficiário que pode ser correferencial ao sujeito Agente (...)” (CHRISTIANO, 1991, p.155).

Seguindo o mesmo padrão desse grupo verbal, temos os verbos: atribuir-se, conceder-se, consentir-se, permitir-se e etc. As características que compõem esse grupo são: o tipo verbal básico é benefactivo de ação-processo, o pronome *se* é correferencial e reflexivo e a forma verbal básica é transitiva.

O oitavo grupo verbal é representado pelo verbo atrever-se. Os verbos que fazem parte deste grupo ocorrem em estruturas complexas, diferentemente dos verbos do primeiro grupo que ocorrem em estruturas simples. Seguem o padrão de atrever-se verbos como aventurar-se, dignar-se e empenhar-se. As características que fazem parte deste grupo verbal são: o tipo verbal básico é de ação, o pronome *se* é pseudo-reflexivo e a forma verbal básica é intransitiva.

Representando o nono grupo verbal temos o verbo padrão encontrar/encontrar-se. Os verbos que fazem parte deste grupo trazem a noção de reciprocidade. Christiano (1991) afirma que “Do ponto de vista semântico, o pronome *se*, que aparece nas estruturas do grupo XI, serve para marcar a reciprocidade e os nomes envolvidos no processo verbal acumulam, ao mesmo tempo, as funções de Agente e Objetivo.” (CHRISTIANO, 1991, p. 164). As características desse grupo verbal são: o tipo verbal básico é o de ação-processo, o pronome *se* é reflexivo/recíproco e a forma verbal básica é transitiva.

A partir desta classificação, Mello (2008) construiu uma tabela com a distribuição dos verbos feita por Christiano (1991) fazendo uma inversão, apenas, do grupo 3 e 4. Vejamos:

GRUPOS VERBAIS	NÍVEIS DE REFLEXIVIDADE			
	PLENA	PRIMÁRIA	SECUNDÁRIA	TERCIÁRIA
G①: tipo padrão: irritar-se tipo padrão: encontrar-se				X/X
G②: tipo padrão: queixar-se tipo padrão: acusar-se		X		X
G③: tipo padrão: ajoelhar-se			X	
G④: tipo padrão: pentear-se		X		
G⑤: tipo padrão: lançar-se		X		
G⑥: tipo padrão: achar-se ¹¹		X		
G⑦: tipo padrão: arrogar-se		X		
G⑧: tipo padrão: atrever-se				X
G⑨: tipo padrão: encontrar-se ¹²		X		

Tabela 2: Grupos verbais e níveis de reflexividade.

Além da divisão dos verbos em grupos e sub-grupos, Christiano (1991) propõe níveis de reflexividade, que são: pleno, primário e secundário, como apresentado na tabela acima, frisando que o nível terciário, nomenclatura dada por Mello (2008), é denominado de pseudo-reflexivo por Christiano (1991). Tanto a divisão dos grupos como a dos níveis de reflexividade foram feitas baseando-se nos trabalhos de Fillmore (1968) e Chafe (1970).

A noção de reflexividade usada por Christiano (1991) para esta pesquisa é caracterizada como um fenômeno que ocorre quando o sujeito e o objeto são correferentes em uma oração. Os níveis de reflexividade foram estabelecidos para ampliar o conceito dado para a ‘voz-reflexiva’, também conhecida como ‘voz média’, como podemos observar no trecho destacado de Christiano (1991):

(...) o pronome *se* com valor reflexivo está diretamente relacionado à significação do verbo. Assim, os verbos por nós arrolados (cf. item 2 deste capítulo) apresentam, na realidade, algumas particularidades com relação à diátese reflexiva. Daí a necessidade de se estabelecerem gradações para este tipo de voz. (CHRISTIANO, 1991, p. 167).

Como pode ser observado, os níveis de reflexividade se estabelecem pela voz reflexiva, definida como “(...) a forma verbal que indica que o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente da ação verbal (...)” (CHRISTIANO, 1991, p. 167). Assim, Christiano (1991) dividiu os verbos em três níveis de reflexividade, afirmando que os verbos possuem comportamentos diferentes com relação a esses níveis, tais como: a reflexividade plena, primária e secundária.

Começemos pela reflexividade plena. Nesta o paciente sempre será igual e correferente ao agente, como podemos observar na sentença abaixo:

(12) O presidiário suicidou-se.²

A reflexividade primária inclui verbos que projetam a ação reflexiva, isto é, haverá nas sentenças um sujeito e complemento correferentes e reflexivos (13). Neste nível de reflexividade também se encaixam os verbos que indicam reciprocidade (14), também possuindo um sujeito que pode ser agente e paciente. Vejamos:

(13) O ministro questionou-se diante de todos.

(14) Os dois adversários olhavam-se com rancor.

A reflexividade secundária se caracteriza por permitir a omissão total do reflexivo ‘se’ na estrutura superficial. Como pode ser observado abaixo:

(15) Juliana sentou-se para recuperar o fôlego.

Christiano (1991) deixa de fora dos níveis de reflexividade as estruturas que possuem o ‘se’ como pseudo-reflexivo. Elas são excluídas pelo fato de ocorrerem como pronominais. Vejamos:

(16) Solange aborreceu-se.

Neste caso não ocorre reflexividade, pois o verbo ‘aborrecer’ não é usado agentivamente, havendo uma marca de recessividade de um causador externo ao processo verbal. Nos estudos de Faltz (1985), ele amplia a possibilidade de o sujeito ser não só agente, mas também experienciador.

Foi a partir do objetivo de apresentar uma nova proposta de análise sintático-semântica das estruturas do português brasileiro que são vistas na forma ‘pronominal’ ou ‘reflexiva’, que se realizou uma redefinição e reclassificação dos verbos reflexivos e do pronome ‘se’, frisando que esta divisão não foi feita apenas “pela especificação dos esquemas casuais nos quais eles estão inseridos, mas também pelas suas propriedades derivacionais (possibilidade de sofrer derivação decausativa, resultativa, etc.)” (CHRISTIANO, 1991, p. 196).

Assim, conclui-se que nas estruturas do português brasileiro pode-se encontrar nove grupos de verbos pronominais ou reflexivos e três níveis de voz reflexiva: a reflexividade plena, a reflexividade primária e a reflexividade secundária.

Mello (2008) busca reunir, relacionar e organizar em grupos os diversos usos do ‘se’ com função reflexiva, nos vários tipos de textos, com o objetivo de estabelecer suas funcionalidades - partícula de realce e pseudo-reflexivo - no discurso. Para este fim, toma como hipótese a de que o ‘se’ passará por um processo de gramaticalização, isto fará com que ele

²As sentenças utilizadas nos exemplos (12), (13), (14), (15) e (16) foram retiradas da Tese de doutorado de Christiano (1991).

passa de uma “categoria-fundante de clítico reflexivo a uma nova categoria de afixo verbal” (MELLO, 2008, p. 36). O corpus utilizado para observar este fenômeno foram manuscritos oitocentistas da Paraíba escritos no século XVIII e XIX.

Este trabalho fundamentou-se nos estudos funcionalistas da linguagem, trazendo a noção de marcação, apresentada por Givón (1995) e pelo processo de Gramaticalização. O motivo de se utilizar estas perspectivas é a busca de assimilar como o ‘se’ perpassa de uma função prototípica reflexiva para uma em que não temos a reflexividade tão visível como antes.

Uma das contribuições fundamentais da pesquisa de Mello (2008) é o mapeamento histórico do português no Brasil, fazendo com que auxilie no avanço do debate teórico com relação à mudança linguística do português brasileiro. Assim, procurou-se neste trabalho, através dos conceitos de marcação linguística, fazer observações sobre os níveis de reflexividade, visando “(...) aprender o uso produtivo do pronome ‘se’ reflexivo no português do século XIX falado na Paraíba.” (MELLO, 2008, p. 39).

Mello (2008) afirma que o pronome ‘se’ que possui valor reflexivo está intimamente relacionado à significação verbal, diante disto ela faz uma reanálise dos níveis de reflexividade estabelecidos por Christiano (1991).

Esta reanálise altera apenas um nível de reflexividade estabelecido por Christiano (1991). Mello (2008) acrescenta o nível terciário, conforme já observamos na tabela II apresentada no item 2.1 acima. O objetivo de trazer a divisão dos verbos em grupos e em níveis de reflexividade está em aplicar a esta divisão os conceitos de marcação linguística estabelecidos por Givón (1995), conforme observamos no trecho em destaque de Mello (2008):

A aplicação dos critérios distintivos entre categorias marcadas e não marcadas na verificação do grau de marcação dos níveis de reflexividade tem como uma finalidade salientar o comportamento natural das formas linguísticas e suas funções, no caso específico o pronome reflexivo “se”, buscando atestar tendências a inovações e mudanças condizentes ao fenômeno da reflexividade. (MELLO, 2008, p. 42).

O conceito de marcação utilizado neste trabalho se torna indispensável pelo fato de estabelecer a ocorrência do uso dessas formas dependendo se esta forma será menos ou mais marcada. Assim, quando se aplica o princípio de marcação ao pronome ‘se’, ele irá passar de sua função prototípica reflexiva para uma função menos transparente.

Observemos abaixo uma tabela com as ocorrências do pronome ‘se’ com alguma carga de reflexividade nas 152 cartas analisadas por Mello (2008).

NÍVEIS	NÍVEIS OCORRÊNCIAS/TOTAL	%
PRIMÁRIO	92/ 152	65
SECUNDÁRIO	19/ 152	8
TERCIÁRIO	41/ 152	27
TOTAL	152/ 152	100

Tabela 3: Ocorrências do pronome reflexivo pelos níveis de reflexividade.

Como podemos observar, o maior número de ocorrências da forma *se* está no nível primário. Diante deste resultado se definiu uma escala de marcação, conforme podemos observar na tabela abaixo:

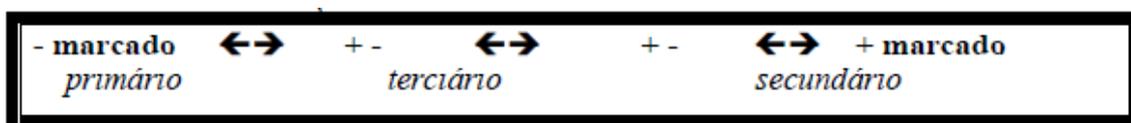


Tabela 4: Escala de marcação: a frequência dos níveis.

Existem critérios que definem a escala de marcação dos níveis, o primeiro critério aplicado, neste estudo, é o da complexidade estrutural definido como “(...) a estrutura marcada tende a ser mais complexa ou maior do que sua correspondente não marcada”. (Cezario & Cunha (orgs.), 2013, p. 24.). Quando temos as expressões juntamente com verbos do nível secundário, elas serão [- marcadas] devido à possibilidade da presença ou ausência do *se*. Já com relação às expressões com verbos de nível primário elas são [+ marcadas], isso acontece pelo fato da presença obrigatória do clítico ‘se’. Diante do nível terciário, temos expressões [+ marcadas], devido a não correferência entre sujeito e objeto.

O segundo critério que define a escala de marcação dos níveis com relação à função do *se* é a complexidade cognitiva, entendida como “(...) a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa – em termos de esforço mental, demanda de atenção ou tempo de processamento – do que a não marcada” (Cezario & Cunha (orgs.), 2013, p. 24.). Aplicando este critério, os níveis de reflexividade terão outra configuração do quadro apresentado acima. O nível primário será considerado menos marcado que o secundário e conseqüentemente do que o terciário, isso ocorre pelo fato do *se* ser facultativo no nível secundário necessitando de um maior esforço cognitivo, bem como no nível terciário que não considera o *se* como um reflexivo, havendo um maior trabalho mental pelo falante.

Diante do estudo diacrônico da língua realizado neste trabalho com os falantes do português da cidade de João Pessoa, observou-se que o *se* aliados a verbos “(...) que não cumprem a condição primeira de reflexividade: a ação que parte de um sujeito e recai nele próprio” (MELLO, 2008, p. 44) passou por um processo de rotinização e inovação que o fez *se* modificar ao longo dos anos, ou seja, sofreu uma gramaticalização, o que o deixou mais abstrato em seu uso.

Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizamos dados retirados do *corpus Discurso & Gramática*, um grupo que trabalha com estudos científicos na área de linguística funcional, com ênfase nos processos de mudança linguística e de gramaticalização. O D&G³ também trabalha com a coleta e organização do banco de dados intitulado *Corpus Discurso & Gramática* - a língua falada e escrita das cidades do Rio de Janeiro, Rio Grande, Juiz de Fora, Natal e Niterói.

Os textos coletados no D&G foram: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Inicialmente realizou-se a coleta de textos orais para que, a partir deles, os informantes produzissem versões escritas. Os informantes colaboradores da constituição do D&G pertencem a diferentes níveis da escola regular. Procurou-se também trabalhar com alunos pertencentes à série final de cada segmento (alfabetização, 4ª série, 8ª série, 3º ano e último ano do ensino superior).

Neste estudo, selecionamos para análise ocorrências encontradas em textos dos níveis do ensino fundamental, médio e superior, totalizando nove informantes. No entanto, encontramos ocorrências do verbo secundário *sentar*, apenas nos níveis fundamental e superior. Já na sondagem feita com o verbo secundário *levantar*, encontramos ocorrências nos três níveis de escolaridade.

Decidimos fazer um recorte do corpus devido a sua extensão e ao espaço deste trabalho, assim, este artigo não limita todas as possibilidades de investigação.

³ Leia-se: *Discurso & Gramática*

Análise e Discussão de Dados

Neste artigo, pretendemos analisar o princípio funcionalista da marcação aplicado ao *se* reflexivo, aliado aos verbos do nível secundário *sentar* e *levantar*, de acordo com os trabalhos de Christiano (1991) e Mello (2008). Com vistas a explicar o comportamento do clítico *se*, observamos sua ausência e presença em verbos secundários; objetivamos também evidenciar as motivações que levam o falante a realizar o apagamento do clítico *se* com os verbos supracitado, para tanto utilizamos os critérios do princípio da marcação, sendo eles: complexidade estrutural, distribuição de frequência e complexidade cognitiva.

Escolhemos os verbos pertencentes ao nível secundário pelo fato de se manifestarem como reflexivos, independentemente de estarem aliados ao clítico *se*. Os verbos que pertencem a esse grupo, de acordo com Christiano (1991), são considerados monovalentes⁴, devido à sua característica de exigir apenas um argumento. Os verbos *sentar* e *levantar*, pertencentes a esse grupo, têm um comportamento semelhante, são considerados verbos de ação-processo, que representam uma ação realizada por um sujeito agente, cuja ação verbal afeta o seu complemento. Assim, em sua estrutura, necessita de um nome com uma função de agente e um outro nome afetado por quem pratica a ação do verbo.

Nas gramáticas tradicionais, os verbos reflexivos só são considerados como tal, quando estão aliados ao *se*, entretanto alguns estudos funcionalistas evidenciam que, mesmo que haja o apagamento do clítico *se*, alguns verbos conservam essa reflexividade.

Para realizar a análise do princípio funcionalista da marcação, observamos, em textos orais do D&G, a fala de nove informantes que se utilizaram dos verbos do nível secundário. Para uma visualização mais detalhada dessa coleta de dados, apresentamos a tabela abaixo:

Verbo secundário: Sentar aliado à presença/ausência do <i>se</i>			
	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Informantes	2	-	2

Tabela 1: Ocorrências do verbo sentar (*se*)

⁴ São verbos que possuem apenas uma valência, um único sujeito.

Verbo secundário: Levantar aliado à presença/ausência do <i>se</i>			
	Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Superior
Informantes	1	2	2

Tabela 2: Ocorrências do verbo sentar (se)

Apresentaremos abaixo as ocorrências⁵ do *se* aliados aos verbos *sentar* e *levantar*, encontradas nos textos escritos dos informantes dos níveis fundamental, médio e superior do *corpus* D&G, para, em seguida, explicarmos a atuação do princípio da marcação.

VERBO SENTAR	
Ensino fundamental	
Informante 1	(1) “...vocês ficaram no meio ... foi ... os pais se sentaram em volta ... e ... ô ... Olavo ... esse acantonamento como é que vocês fazem assim a comida ... foi só um dia?” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 189)
Informante 2	(2) “... as pessoas sentaram ao redor formando aquela roda ... e começou a divisão de alimentos ... cada um levou um alimento na sua mochila...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 142) (3) “... a gente vai encontrar ... um portão como se fosse uma grade de ferro ... não é fechado o portão é aberto ... na área também tem umas cadeiras aonde ... as pessoas vão se sentar as visitas e as pessoas de casa também...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 145)
Ensino Superior	
Informante 3	(4) “...quando foi à noite mesmo foi a despedida ... então todos fizemos um:: nós todos reunimos e fizemos um lual ... () a fogueira ... ali a gente sentou ao redor ... começamos a bater palma e cantar corinhos...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 28)
	(5) “... numa dessas levadas de entra e sai ... entrou uma garota muito bonita ... um ... um tipo ... eslavo-polaca ... sei lá ... loira de cabelo ... cabelo bem amarelinho e loiro ... sentou-se ... era meio da noite já assim...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 44)

⁵ Transcrevemos as ocorrências tal como encontramos no *corpus* D&G - Natal.

Informante 4	<p>(6) “... por causa do inverno ... tava muito frio e ... e mesmo a calefação do ônibus num ... num adiantava muito não ... sentia muito frio nos pés e nas mãos ... e mesmo agasalhado com colcha e tudo ... e ela sentou-se ... eu tava sentado ... é ... na cadeira do corredor ... lá na frente ... na primeira cadeira do corredor ao lado do motorista ... e assim do lado do motorista ... e ela sentou e ... também na primeira cadeira do ... do meu lado oposto aqui ...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 44)</p> <p>(7) “... ele deveria escolher qual do ... do ... dos cardápios deveriam ser servidos pra ele ... porque ele se sentou numa mesa à parte da família Carrilho ... uma ele ... a família Carrilho preencheu uma mesa e ele ficou numa outra mesa com o motorista...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 47)</p>
--------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

VERBO LEVANTAR

Ensino fundamental

Informante 5	(8) “... aí só sei que:: ele se levantou ... aí pediu a menina uma bola ... as bolas sabe? pra cobrir ... pra ninguém perceber...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 159)
Informante 6	(9) “é um momento que eu acho mais bonito no filme ... né ... que os alunos prestam uma ... uma homenagem ao professor ... todos se levantam e falam ... “oh ... captain ... my captain” ...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 96)

Ensino Médio

Informante 7	(10) “aí apareceu né ... entrando esses jovens né ... inclusive na hora lá que eles estavam o povo também levantava ... batia palma ... cantava também...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 133)
--------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Ensino Superior

Informante 8	<p>(11) “aí ele colocava lá o:: som né ... um corinho ... bem acelerado que a gente num tinha condições de ficar mais deitada né ... a gente se levantava né ... cada um tinha hora também determinada pra ir ao banheiro ... né ...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 28)</p> <p>(12) “e o pai dele mandou que ele se levantasse e quando eu:: nesse momento quando alguém é:: essa pessoa me falou dessa história me comoveu muito...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p.)</p>
--------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	(13) “ele poderia viver melhor e ele se conforma com sua vida precária ... ele se conforma em sofrer ... e não levanta pra lutar...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 33)
Informante 9	(14) “... e o botão da camisa dele enganchou ... ((riso)) na renda da mesa ... na ... no ... como é que se diz ... no labirinto da ... da toalha da mesa e quando ele se levantou puxou a ... a ... a ...” (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 47)

Observamos, a partir das tabelas acima, que os falantes, em seus depoimentos orais, para indicar a reflexividade, utilizaram o clítico com mais frequência junto aos verbos aqui analisados. Constatamos que, num total de 14 trechos retirados para a nossa análise, o *se* aparece aliado aos verbos *sentar* e *levantar* em 10 deles.

Assim, a partir dos dados investigados acima, ao considerar o critério *distribuição de frequência* do princípio da marcação, constatamos que a forma menos marcada é a que apresenta o verbo *sentar* aliada ao *se*, já que, segundo esse critério, a estrutura mais frequente é menos marcada, e, por sua vez, a forma menos frequente é mais marcada. É importante destacar que o contexto pode interferir nas escolhas dos falantes, ou seja, seria possível encontrar na modalidade escrita resultados diferentes dos que encontramos em contextos da oralidade.

Os usuários da língua poderiam na escrita realizar o apagamento do *se*, por exemplo, nesse tipo de verbo aqui analisado. Também seria possível esperar que, num contexto de oralidade, em que o falante se utiliza de uma linguagem menos monitorada, encontraríamos um maior índice de apagamento do *se*, já que os verbos *sentar* e *levantar* permitem a presença/ausência desse clítico, porém os dados mostram que o *se*, mesmo em um contexto oral, ainda é bastante utilizado, para indicar a sua função reflexiva nos verbos supracitados.

Constatamos ainda, a partir do critério *distribuição de frequência* que o uso de *sentar* e *sentar-se* ocorreu independente do grau de escolaridade dos informantes, sendo que, tanto o informante 2, de nível fundamental, quanto o informante 4, de nível superior, por exemplo, utilizaram ora o verbo *sentar* ora o verbo *sentar-se*, o que mostra a concorrência entre as duas formas.

Observando as ocorrências do *se* aliado ao verbo secundário *sentar*, é possível dizer, a partir dos dados investigados aqui neste estudo, que as duas formas estão em concorrência numa atual sincronia da língua, pois não se percebeu uma superioridade numérica entre o verbo aliado

ao *se* e o verbo que não apresenta o *se* em sua estrutura. Desse modo, verificamos na fala dos informantes do *corpus D&G Natal*, que não foi significativa a diferença de usos entre o verbo que aparece com ou sem o clítico *se* (*sentar/sentar-se*). Como pode ser visto acima, foram encontradas cinco ocorrências do verbo aliado ao clítico *se* e três ocorrências do mesmo verbo sem o clítico *se*, confirmando o que foi mostrado por Mello (2008), que os usos do *se* estão, de fato, passando por um processo de mudança de função.

Com relação à *distribuição de frequência* do verbo secundário *levantar*, observamos que, assim como ocorreu com o verbo *sentar*, a forma menos marcada foi aquela em que havia o verbo *levantar* aliado ao *se*, e a estrutura mais marcada a que traz o verbo sem o clítico *se*. Da mesma maneira que observamos com o verbo *sentar*, nos usos do verbo *levantar*, um mesmo falante (informante 8) utilizou as duas formas (verbo com ausência ou presença do *se*), o que reafirma o fato de que o *se* está passando por um processo de variação na sua função, o que posteriormente poderá gerar uma mudança, como propõe Mello (2008).

Considerando o critério da *complexidade estrutural*, aplicado aos dois verbos secundários descritos acima, as cláusulas em que aparecem os verbos *sentar* e *levantar* sem o clítico *se* são consideradas mais marcadas, devido à propriedade se serem estruturalmente maiores e possuírem material morfológico maior em relação às formas em que há o apagamento do clítico. Logo, as estruturas em que o clítico *se* não aparece são menos marcadas.

Os estudos tradicionais da língua, explicam que o *se* possui várias funções, entre elas, está a de pronome reflexivo, que serve para indicar uma ação praticada por um sujeito que recebe esta mesma ação. Assim, espera-se que, quando o falante deseja indicar essa reflexividade, utilize junto ao verbo o clítico *se*.]

Desse modo, aplicando o último critério, *complexidade cognitiva*, aos verbos *sentar* e *levantar* aliados ao *se*, observamos que as cláusulas em que os verbos secundários eram usados, pelos informantes acima, aliados ao *se*, demandam menor esforço mental no processamento desses verbos, bem como maior atenção do falante, isso acontece pela necessidade desses verbos se realizarem na presença do reflexivo, assim, as cláusulas que necessitam de um maior esforço mental encerram por ser aqueles que não possuem o clítico *se* em sua estrutura, visto que é menos frequente verbos que indiquem reflexividade sem a presença do clítico, e também o falante/ouvinte julgará e acessará sua mente as propriedades que levam um verbo a ser reflexivo, para que tal processo aconteça.

Constatamos neste estudo que a o clítico *se* aliado aos verbos *sentar* e *levantar*, para indicar reflexividade, ainda é bastante usado pelos falantes, mesmo em contextos de oralidade,

considerados menos marcados. No entanto, como propõe Mello (2008), esse clítico está passando por um processo de mudança - de clítico reflexivo para afixo verbal -, já que nem sempre é necessário estar aliado a determinados verbos para indicar reflexividade.

Este estudo trouxe apenas uma das possibilidades de investigação do clítico *se* aliado a verbos de ação-processo, com o objetivo de mostrar que os falantes tendem a utilizar esse clítico aliado aos verbos *sentar* e *levantar*, além disso, pretendemos mostrar que, para indicar reflexividade, verbos de mesma natureza (ação-processo) podem dispensar a presença do *se*. Todavia, outras investigações relevantes também poderiam ser feitas sobre o clítico *se* aliado a verbos dos outros níveis (primário e terciário) estudados por Christiano (1991) e Mello (2008).

Considerações Finais

Este trabalho buscou investigar o princípio funcionalista da marcação, visando explicar o contraste entre dois elementos de uma dada categoria, sempre realizando uma comparação entre as funções que os elementos da língua ocorrem.

A partir das análises aqui realizadas, constatamos que o usuário da língua, ao escolher uma forma em detrimento de outra, visa, na maioria das vezes, a economia linguística e é, justamente, essa economia que nos fez analisar o princípio da marcação.

Desse modo, ao estudar esse princípio funcionalista, buscamos explicar a marcação do reflexivo *se*, pois, como já foi confirmado em pesquisas anteriores, as suas ocorrências estão passando por transformações, que podem ser melhor explicadas, se observarmos como essas formas vêm sendo utilizadas num contexto real de uso da língua.

Referências

FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.). *Corpus, discurso & gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. Funcionalismo. IN.: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 157 a 176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. Ensino de gramática com base no texto: subsídios funcionalistas. *Ariús*, Campina Grande, v. 13, n.2, p. 157-162, 2007.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem do século XX. IN.: CUNHA, Maria Angélica Furtado da. OLIVEIRA, Mariangela Rios. MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Orgs). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17 a 28.

NEVES, M. H. M. Texto e gramática. São Paulo: Contexto, 2006.

TAVARES, M. A. Gramática Emergente e o recorte de uma construção gramatical. IN.: Edson Rosa. (org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 33 a 51

ROSÁRIO, Ivo. Sintaxe Funcional. IN.: OTHERO, Gabriel de Ávila. KENEDY, Eduardo. (orgs.). *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 143 a 161.

SILVA, Camilo Rosa. *Mas tem um porém...: mapeamento da oposição e seus conectores em editoriais jornalísticos*. Tese de doutorado. João Pessoa: UFPB, 2005.

SOARES, Simone Mendonça. Elementos para uma reflexão sobre a concordância verbal a partir do funcionalismo Givoniano. IN.: 6º ENCONTRO CELSUL - CÍRCULO DE ENCONTROS LINGUÍSTICOS DO SUL. *Anais*. Santa Catarina, 2006. p 01-04.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

SOARES, Francielly Rodrigues; HENRIQUE, Judithe Genuíno; BARBOSA, Matheus de Almeida; ROCHA, Jefferson Alves da; GALDINO, Jebson da Silva; LIMA, Juciane Nóbrega. Análise do Princípio Funcionalista da Marcação Aplicado ao "Se" Reflexivo em Verbos de Ação-Processo. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Maio/2020, vol.14, n.50, p. 389-410. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 09/04/2020.

Aceito: 14/04/2020